

Durante a segunda metade do século XX, a América Latina assistiu à substituição de regimes políticos autoritários por democráticos na maior parte de seus países. Passadas algumas décadas, verificam-se, por um lado, avanços processuais significativos, tais como eleições regulares e alternância de poder; por outro, há nítidas deficiências da democracia representativa quanto à resolução de problemas políticos, econômicos e sociais. Tendo em vista os graves desafios que a América Latina enfrenta, onde se destacam a pobreza e a desigualdade social, advogamos a necessidade da região não ser pensada "de fora", através de paradigmas formulados para as sociedades desenvolvidas; mas a partir de experiências próprias, levando-se em consideração não apenas suas instituições, mas também sua cultura política. Nesse sentido, a estabilização e o aprofundamento da democracia dependem, em parte, de cidadãos com atitudes e predisposições democráticas. No entanto, os cidadãos latino-americanos apresentam um paradoxo: se, por um lado, apreciam a democracia como um valor; ao mesmo tempo desconfiam de suas instituições e seus governantes. Assim, a democracia nesta região parece perder vitalidade. Este trabalho busca analisar este processo de consolidação democrática do ponto de vista da cultura política no Brasil e na Venezuela, através de metodologia quantitativa, a partir de dados do Latinobarômetro de 1995 a 2005. O objetivo, então, é observar de que forma brasileiros e venezuelanos percebem suas instituições políticas e como se comportam em relação a elas. Os resultados apontam para um cenário onde os cidadãos declaram-se favoráveis à democracia, mas em certas circunstâncias estão dispostos a aceitar um governo autoritário, principalmente a fim de resolver os seus problemas econômicos.